

Cartas amorosas de 1930: um casal não-ilustre do Rio de Janeiro

Loving cards of 1930: an unknown couple of Rio de Janeiro

Recebido em 05 de agosto de 2015. | Aprovado em 15 de dezembro de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.184>

Érica Nascimento Silva¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar de maneira descritiva alguns aspectos referentes à amostra *Casal dos anos 30*. Por se tratarem de pessoas não-ilustres, não foi possível obter muitos dados sobre o perfil social dos missivistas, mas, a partir da leitura das cartas, alguns aspectos sobre o casal de noivos puderam ser observados. Além das informações familiares verificadas com a leitura das cartas, constatou-se diferença quanto ao grau de letramento entre os escreventes Maria (MRC) e Jayme (JOS). Enquanto a noiva MRC apresenta mais desvios grafemáticos que o noivo, JOS utiliza alguns recursos estilísticos para tornar seu texto mais erudito.

Palavras-chave: cartas amorosas; casal não ilustre; domínio da escrita, grau de letramento; modelo epistolar.

Abstract: This work aims to present descriptively some aspects of the sample letters of a couple of the Rio de Janeiro, in 1936 and 1937. Since they are unknown people, we could not get any information about the social profile of the writers. However, from reading the letters, some aspects of the bridal couple could be observed. In addition to the familiar information verified by reading the letters, there was difference in the degree of literacy among the scribes Maria (MRC) and Jayme (JOS). While the bride MRC has more graphematic deviations than the groom, JOS uses some stylistic features to make his text seems more erudite.

Keywords: love letters; unknown couple; mastery of writing, degree of literacy; epistolary model.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. clerama@gmail.com.

Introdução

A amostra que será apresentada neste trabalho consiste em cartas pessoais trocadas por remetentes não ilustres². O material é composto de 97 cartas que foram trocadas por um casal de noivos residentes no estado do Rio de Janeiro, Jayme (JOS) e Maria (MRC), entre os anos de 1936 e 1937. Da noiva MRC há um total de 29 cartas escritas, em sua maioria, na cidade de Petrópolis. Já de JOS há 68 cartas remetidas da cidade do Rio de Janeiro, sendo duas dessas missivas, poemas.

Essa documentação, ao contrário de outros materiais utilizados em estudos linguístico-históricos, não foi localizada em nenhum acervo ou arquivo de acesso público, e sim recolhido, ao acaso, no lixo, no bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro³. Por causa desse obstáculo, buscou-se, primeiramente, nos dados contidos nas cartas, acessar informações que pudessem identificar de maneira mais clara os remetentes das missivas através de idas a arquivos históricos e religiosos, incursões a endereços e sedes administrativas.

1. As buscas por informações sobre o casal de noivos

Tentou-se, primeiramente, buscar informações acerca de JOS, já que os dados referenciais mostrados na maioria das missivas do noivo remetem a um endereço situado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro: Rua Diomedes Trota, Ramos, número 37. Não foi possível obter nenhum dado nesse endereço, pois a rua sofreu, ao longo de várias décadas, sucessivas mudanças, que resultaram em exclusões de alguns números (incluindo o que estava sendo procurado). Ao conversar com moradores da rua, informaram-me de que naquela localidade era onde passava o bonde, sendo, atualmente, apenas uma rua residencial.

Em função dessa tentativa frustrada de buscar informações no endereço indicado nas cartas de Jayme, os moradores residentes dessa localidade indicaram uma sede administrativa em que talvez pudessem ser conseguidos os dados buscados. Nessa região administrativa, localizada no bairro de Ramos, funcionários informaram que ainda não havia um sistema informatizado que permitisse buscas extensas. Além disso, declararam que poderia ser difícil achar as informações que eram buscadas em virtude de as regiões limítrofes dos bairros terem se modificado, e aquela sede administrativa englobar outros bairros adjacentes, como Bonsucesso e Penha. Isso significava que os dados antigos do bairro de Ramos poderiam estar em alguma região administrativa próxima, e não necessariamente naquela. Com a impossibilidade de busca de informações nas regiões administrativas do bairro de Ramos, procurou-se uma alternativa para chegar a dados reais que identificassem os imóveis que apareciam nas missivas.

As cartas possuem os dados dos endereços de onde foram remetidas, por isso buscaram-se informações no Registro de Imóveis, a fim de conseguir dados da empresa onde Jayme trabalhou – localizada na Rua Buenos Aires, Centro do Rio de Janeiro – e a residência dele. Não foram obtidos dados da empresa que pudessem levar ao missivista, mas foi possível saber que a empresa – especializada em importação e exportação de produtos têxteis – não existe mais nem mesmo em um endereço diferente ao indicado na carta. As informações residenciais também não puderam ser obtidas, já que não havia como conseguir detalhamento quanto a Jayme ou a casa onde ele morou. Dessa forma, o passo seguinte seria tentar buscar dados em arquivos históricos, que contivessem dados de pessoas não ilustres.

Foram feitas incursões no Arquivo da Cúria, localizado na Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro, na capital carioca, a fim de buscar dados históricos que pudessem revelar o perfil social dos missivistas. Por se tratarem de indivíduos católicos, levantou-se a hipótese de que haveria dados no Arquivo da Cúria referentes a celebrações típicas do catolicismo, como batismo e comunhão. Na Cúria, a funcionária informou que naquele arquivo havia apenas registros mais antigos – do século XIX para trás – por isso, informações da década procurada – 1930 – não podia ser encontrada lá. Registros mais recentes são arquivados nas arquidioceses situadas nos bairros em que ocorre a celebração. A fim de indicar a possível arquidiocese responsável pelos registros dos missivistas, a funcionária da Cúria buscou igrejas localizadas no bairro de Ramos, que já existiam na década de

² Todas as cartas podem ser obtidas através da página eletrônica: <<http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico/>>.

³ As cartas foram encontradas por um estudante da Faculdade de Letras da UFRJ, Delano de Souza Garcia, que gentilmente cedeu o material para o projeto de pesquisa coordenado pela Professora Célia Regina dos Santos Lopes. Agradecemos muitíssimo ao estudante por sua importante colaboração, dada a originalidade e valor histórico do material para estudos linguísticos e histórico-sociais.

1930. Embora tenha sido encontrada uma só igreja na região por volta da década de 1930 – Nossa Senhora das Mercês de Ramos –, a funcionária avisou que não seria possível a obtenção de dados relativos às pessoas buscadas. Informações sobre os missivistas só poderiam ser obtidas mediante autorização da família ou em caso de parentesco, já que são pessoas cujos dados não estão disponíveis em domínio público – período que corresponde a cem anos após a morte da pessoa.

A funcionária do Arquivo da Cúria, apesar de não poder ajudar quanto às informações que haveria nos registros da Igreja, indicou uma página eletrônica em que poderiam ser buscados dados genealógicos relativos a famílias e indivíduos que já haviam falecido. A página⁴ não foi suficiente para revelar nenhum dado dos missivistas, pois não traz todos os registros de óbito. E por se tratarem de sobrenomes comuns – Oliveira e Ribeiro da Costa – havia um grande volume de indivíduos homônimos.

Em função dessa busca por nome de família, tentou-se vasculhar através dos meios virtuais o nome completo dos missivistas. Maria Ribeiro da Costa, por ser um nome comum, não indicou nenhum endereço eletrônico que pudesse relevar informações importantes. Já no caso de Jayme de Oliveira Saraiva, por não ser um nome comum, apareceram dados referentes a um concurso – registro em Diário Oficial – em que ele havia sido aprovado, na 1ª Região Militar, que fica no Centro do Rio, no Palácio Duque de Caxias, datados de 1940. Devido a essas informações, houve idas ao Arquivo Histórico do Palácio Duque de Caxias para que pudesse ser obtido qualquer dado sobre Jayme. Os militares que trabalhavam no arquivo fizeram buscas entre os servidores civis e militares que atuaram nesse período, mas não conseguiram encontrar nenhum dado. Informaram que o registro dessa pessoa que era buscada poderia estar nas outras regiões militares espalhadas pelo Brasil, já que era época em que estava ocorrendo a Segunda Guerra Mundial, e havia convocação e alistamento em massa de homens. Apesar de os funcionários desse arquivo terem se disposto a procurar dados sobre Jayme, foram contundentes em afirmar que informações pessoais não poderiam ser reveladas, já que se tratava de um registro que não era de domínio público.

Apesar do esforço em tentar traçar o perfil dos remetentes dessas missivas, a obtenção de mais informações acerca desse casal tornou-se difícil porque se tratavam de indivíduos não ilustres, por isso não há quaisquer materiais que descrevam a genealogia familiar deles. Mesmo com tais limitações, a descrição sociolinguística dos autores das cartas pode ser apreendida através do conteúdo das mesmas, já que o texto é um produto social e cultural (MARCUSCHI, 2008, p. 151), e, portanto, reflete as interações histórico-sociais das pessoas em discursos proferidos em diferentes meios, incluindo os de modalidade escrita, como a carta.

2. O que dizem as cartas sobre o casal de noivos?

Por informações que constam das cartas, MRC tinha três irmãos: Ismênia, Neuzinho e Antoninho. A primeira, juntamente com os seus filhos, vivia na mesma casa que ela em Petrópolis e os dois rapazes moravam com os pais na capital, na Rua São Francisco Xavier, zona norte do Rio. Além desses familiares, MRC tinha uma filha chamada Hilda e era mãe solteira, pois em nenhum momento faz menção ao pai da criança.

JOS trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal. Esses dados puderam ser obtidos através dos envelopes ainda mantidos. Ao longo das cartas, localizaram-se alguns endereços que sugerem ter ocorrido uma mudança de imóvel por parte de JOS. O noivo morava com os pais e irmãos, sendo que um deles chamava-se Zezinho. Por morar em bairros localizados no subúrbio do Rio, JOS costumava se deslocar para o trabalho por meio de bonde e tinha como hábito ir à igreja da Penha.

A mãe de JOS não parecia gostar da relação que ele mantinha com MRC e isso fica evidente em vários momentos das cartas dele e dela:

- (01) Minha mãe falou também, que não se metia em mais nada, porque | se fosse o nosso destino nos casávamos mesmo e não adiantava estar se me- |tendo, ela culpa somente a sua irmã, a sua irmã é que foi afronta-la. (JOS /MRC – 10/09/1936)

⁴ <<http://pilot.familysearch.org/recordsearch/start.html#p=collectionDetails&c=fs%A1582573>>.

MRC solicitava em várias cartas que ele a avisasse caso a sua mãe falasse alguma coisa a respeito dela, o que evidencia o quanto a noiva não era bem vista pela família do rapaz. Outro fato curioso é que MRC sempre pedia ao noivo que ele rasgasse as cartas para que ninguém na casa dele as visse e descobrisse os encontros secretos que mantinham:

- (02) JOS manda-me dizer se tua mãe falou |alguma cousa com voce au meu respito [...] eu pesso-te para rasgares a |carta (MRC - 12/01/1937)
- (03) [...] estou e m- |uito triste e de saber que o ambiente em tua |casa e suportável isto tudo e por minha cau- |as eu peço-te perdão e não fiques san- |gado com migo, e não se esqueça da tua |noivinha que tanto te ama. | [...] Eu acho melho que tu não deves vir na minha |casa tam sedo a te os teus pais ficarem cal- |mos com você, se você não ficares sangado |eu posso-te esperar todos os sábados a noite para |evitar de vires da minha casa (MRC/JOS - 14/02/1936)

Por causa da desaprovação dos pais de JOS quanto ao relacionamento que ele mantinha com MRC, muitas cartas dela eram enviadas à casa dos seus pais, cabendo ao noivo, com a ajuda do irmão dela, pegá-las.

JOS mostrava-se disposto a enfrentar os pais para manter a relação com MRC e para assumir Hilda como filha. Esse talvez fosse um dos motivos do desgosto dos pais de JOS, já que ela tinha uma filha, fruto de um relacionamento com outra pessoa e, para os padrões da época, isso não era bem visto. Por essa razão, muitos dos encontros do casal se davam de maneira secreta, sendo necessário algumas vezes o uso de desculpas, a fim de disfarçar desconfianças que pudessem surgir por parte da mãe de JOS. A igreja da Penha aparece na documentação, aliás, como um local onde MRC e JOS se encontravam. Os encontros ocorriam, na maioria das vezes, aos domingos, já que a distância entre os dois impedia que pudessem se encontrar com muita frequência:

- (04) [...] eu no Domingo de |carnaval eu vou a missa na Penha |ve se pode ir com migo se pode man- |da-me dizer que eu te espero no por- |tam da Penha as 8 ½ horas (MRC/JOS - 28/01/1937)

Havia ocasiões em o casal combinava de se encontrar na estação de trem Barão de Mauá, na região portuária da cidade:

- (05) Amanhã nos encontraremos de manhã em |Barão de Mauá, a hora do costume e combinaremos, |encontros. (JOS/MRC - 29/10/1936)

Por vezes, os noivos não utilizavam esse local de encontro porque o irmão de JOS, Zezinho, muitas vezes o acompanhava até a estação de trem. Essa é uma das razões de o ponto de encontro do casal ser a igreja, já que não seria um lugar que despertaria qualquer desconfiança por parte da família de JOS. No fragmento, a seguir, MRC marca um encontro na igreja da Penha:

- (06) [...] eu no Domingo de |carnaval eu vou a missa na Penha |ve se pode ir com migo se pode man- |da-me dizer que eu te espero no por- |tam da Penha as 8 ½ horas (MRC/JOS - 28/01/1937)

Além de contextualizar o casal em termos do bairro em que moravam, a atuação ocupacional de um dos remetentes, o local de trabalho de JOS, a descrição da família e os problemas vividos pelo casal, faz-se necessário destacar, na próxima seção, a temática que permeia a documentação produzida.

3. O conteúdo das missivas

As missivas trocadas por JOS e MRC, por se tratarem de textos amorosos, são repletas de versos e discursos repetidos que remetem ao gênero cartas amorosas. Dessa forma, é fácil encontrar nas cartas, sobretudo nas de JOS, trechos que mais parecem versos, embora estejam em forma de prosa, e palavras e expressões de uso literário, aproximando-se a textos poéticos. No exemplo (07) a seguir, há um trecho que foi retirado de uma carta que JOS enviou a MRC:

- (07) Para mim tu es maior que toda | a riqueza que há neste mundo, | Tu és toda a minha fortuna a minha | riqueza, e meu ser, a minha maior ventu- | ra neste mundo é amar-te e querer-te cada | vez mais. | Sinto que em ti é que esta toda a | minha existencia, por isso quero-te muito | para poder viver eternamente, sempre em teus | braços recebendo as caricias tuas, que tanto me | acalntam e me dão vida. (JOS/MRC – 02/03/1937)

Pode-se perceber no trecho (07) que JOS utiliza-se de palavras não usuais em discursos orais e de expressões que se aproximam de textos mais poéticos – “*acalntam e me dão vida*”. Expressões que denotam o sentimento que o noivo sente por MRC e o desejo de tê-la ao seu lado são frequentes nas cartas de JOS, o que reflete nos textos dele uma subjetividade lírica, como se observa nesse fragmento: “*Para mim tu es maior que toda a riqueza que há neste mundo, Tu és toda a minha fortuna [...]*”. É importante destacar que alguns desses trechos líricos que ocorrem na carta aparecem com mais frequência em estruturas formulaicas, repetindo-se em várias missivas: *tu es.... tu és...*

Através da leitura das cartas, percebe-se que há uma diferença quanto ao grau de instrução dos missivistas. Embora se possa dizer que JOS não dominava plenamente a norma padrão em suas cartas pela presença de alguns desvios recorrentes, notou-se que, em termos comparativos, ele apresentava maior contato com os modelos de escrita. MRC, apesar de apresentar mais desvios grafemáticos e uma estruturação sintática das sentenças bem simples, pode ser considerada como alfabetizada (sabia ler e escrever) e possuidora de uma cultura mediana nos termos de Barbosa (2005).

- (08) não repares a minha carta nei os meus eros, | eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando | lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha. (MRC/JOS – 07/10/1936)

MRC tem consciência de que não possui tanta familiaridade com o texto escrito, como se constata em (08), pois repete sistematicamente para JOS não reparar na falta de domínio dessa modalidade.

- (09) eu não queria te dizer eu fui aumedico | no dia 20 de manha por que eu passei | mal de noite não pude dormir com | muita no meu coração e com falta | de ar o medico de me deu calmante | elle me perguntou se eu tinha me a | borecido eu dise que sim ella falou | que era por causa disso de meaborecer | que eu estava muito nervosa mas | agora vou melho com a graça de | Deus. a pesar de voçe me mandar | uma carta alegre a indanão estou | conformada eu veijo a carta | do dia 17 as minhas lagrima comesão | a cair. (MRC/JOS – 21/01/1937)

As cartas da MRC apresentam vários desvios grafemáticos, como ausência de sinais de pontuação e insegurança na escrita das palavras. Além disso, fica evidente que a noiva não domina as fronteiras vocabulares com precisão, como pode ser observado em *aumedico*, *indanão* e *a pesar*. No trecho (09), nota-se que não há planejamento textual, o que evidencia a falta de contato da MRC com textos escritos.

Já as cartas de JOS não apresentam muitos desvios grafemáticos e demonstram conhecimento acerca da ortografia vigente. Além disso, o texto de JOS, em muitos momentos, tem um cunho poético, denotando que ele, de alguma forma, domina, ou ao menos, tem contato com discursos líricos tão comuns ao gênero carta de amor, como consta em (07). Pode-se observar ainda que JOS utiliza muitos vocábulos cujas formas remetem à origem das mesmas (palavras etimologizadas).

- (10) Só quero ~~tu~~ **crêa** em mim, porque | não te esqueço se quer um um minuto [...] (JOS/MRC – 12/01/1937)
- (11) Meu amor cresce tanto | Que já parece um **trophéo** | Pois de tanto crescer, já... (JOS / MRC – 30/06/1936)
- (12) Cada vez **comprehando** melhor, o que seria o | mundo para mim sem você [...] (JOS / MRC – 25/08/1936)

As palavras etimologizadas consistem em um recurso estilístico muito utilizado por escreventes do início do século, a fim de parecerem eruditos, como afirma Barbosa (1999, p. 190). O uso desse recurso, no entanto, depende do conhecimento prévio da etimologia da palavra e isso por si só já demonstra que quem o utiliza, em termos gerais, conhece mecanismos de valoração de um texto. Assim, a utilização de palavras que remetem à origem latina ou helênica por parte de JOS mostra que o noivo tinha familiaridade com textos escritos e sabia utilizar formas que os fizessem parecer mais eruditos, como se pode observar em *crea*, *trophéo* e *compreendo*.

Tais aspectos já demonstram uma clara diferença entre os dois missivistas quanto ao grau de letramento, uma vez que o noivo parece apresentar mais familiaridade com textos escritos que MRC, como veremos a seguir.

4. A estrutura das cartas de JOS e MRC

A estruturação das cartas, tanto de JOS quanto de MRC, apresenta similaridades com o modelo epistolar como mostram os quadros 01 e 02. Percebe-se, no entanto, que há claras diferenças no que diz respeito ao modo de organização textual empregado por JOS e MRC. Abaixo há um quadro que mostra o modo de organização de uma carta da noiva.

Paulo de Frontem 10 – 9 – 1936	LOCAL / DATA
Querido Jayme Saudades Desejo que já estejas passando melhor de saude que e o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus	SAUDAÇÃO INICIAL
mas com muita chuva a qui fais muito fro e bom para que e casado a qui sotem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso a mor eu tenho chorado muito con saldades tuas a qui e muito triste era bom sevoce estivese a qui com migo. Jayme manda-me dizer se tua mãe falou alguma cousa com voce au meu respito eu espero voce no dia 27 sepoder vin no dia 20 era bom por que estou com tantas saudades tuas	NÚCLEO
muitas lembranças da minha irma Imenia e dos meus sobrinha e da Hilda e desta tambem te ama muitos beijo e abraços	SAUDAÇÃO FINAL
Mariquinhas	ASSINATURA
Jayme não repare a minha carta por que eu não sei escrever quando a cabar de ler você rasga a carta vai uma rosinha por nome roso Mariquinhas do quintal da minha irma	OBSERVAÇÃO

Quadro 01. Estrutura da carta de MRC.

A carta da Maria segue basicamente toda a estrutura de carta prevista em Marcotulio (2008), pois há a datação e indicação do lugar, saudação inicial, o núcleo da carta, a saudação final – na qual está contida a despedida – e a assinatura. Embora esse modelo epistolar seja observado com frequência nas cartas dos escreventes, as missivas da noiva MRC apresentam um diferencial em relação às de JOS: tem um conteúdo de observações (*post scriptum*) bem maior. Além disso, ao final das cartas MRC costuma dizer ao noivo para que ele não repare no texto, parecendo, assim, ter consciência do pouco domínio da modalidade escrita. Isso fica evidente sobretudo nas cartas em que ela chama a si mesma de “burrinha”, dizendo ao noivo que não sabe escrever direito como ele, como pode ser observado no trecho: “Jayme não repare a minha carta por que eu | não sei escrever”.

O conteúdo das cartas de MRC é separado conforme as seções que compõem o modelo epistolar, mas acabam se mesclando pela ausência de pontuação do texto, fazendo com que, assim, a organização textual fique comprometida. Isso é facilmente observado na saudação inicial do quadro 01: “Desejo que já estejas passando melhor de saude que e | o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus [...]”. A saudação inicial e o texto apontado como núcleo têm uma continuidade entre si que faz com que seja um aspecto relevante para atestar a falta de contato de MRC com textos escritos. Dessa forma, MRC não mostra domínio quanto à pontuação e nem segurança para demarcar as seções das cartas.

Para fins de comparação, segue uma carta de JOS com as seções do modelo epistolar discriminadas:

Rio de Janeiro 25 de Agosto de 1936	LOCAL / DATA
Querida Mariquinhas Espero que este te vá encontrar em franco re- pouso de coalescência.	SAUDAÇÃO INICIAL
Só Deus e eu é quem sabemos o que tenho sofrido, as a saudade que avassala no mmentos o meu pobre coração já não tem limite. Só tu minha querida e que poderás me dar socego, so o teu amor minha flor e que me poderá trazer felicidade, tenho sentido tanto a tua auencia que chego a julgar que tú não queres mais vltar mas esse pensamento morre logo, porque vejo que tú não tens culpa. Cada vez compreendo melhor, o que seria o mundo para mim sem voce, eu agora sabendo que tú ainda me amas sinto-me tão desolado, que fará então agora sem voce nem é bom pensar meu anjo. Espero dentro em breve ver-te novamente ao meu lado, para almentar-mas ainda mais o nosso amor.	NÚCLEO
Deste que tanto te ama, mil beijos e muitas saudades. Jayme O. Saraiva	SAUDAÇÃO FINAL

Quadro 02. Estrutura da carta de JOS.

As cartas de JOS, assim como as de MRC, sempre se iniciam com o local/data e um texto inicial semelhante, no qual desejam que seu destinatário esteja passando bem de saúde. A saudação final do casal é similar, mas se percebe uma diferença quanto à assinatura. Enquanto MRC assina seu nome no diminutivo (Mariquinhas), JOS escreve o dele completo. Talvez essa diferença quanto à assinatura demonstre o papel social de cada um, pois, enquanto a noiva é simplesmente uma mulher, cujo nome é usado no diminutivo, JOS é um sujeito com nome e sobrenome demarcado em todas as cartas. É necessário ressaltar que JOS trabalhava em uma indústria do ramo têxtil e MRC vivia de serviços praticados no âmbito doméstico, então essa diferença na forma da assinatura poderia estar relacionada com a atividade social que cada um tinha e com a posição da mulher em relação ao homem comum à época.

JOS, ao contrário de MRC, separa rigidamente cada parte da carta e usa-se da pontuação, paragrafação e quebra de linha como recursos para marcar algum assunto novo que esteja sendo introduzido. Esse aspecto já mostra que o noivo tinha mais acesso a textos escritos e provavelmente um domínio maior da norma culta da época.

O noivo também escreve poucas observações, sendo essa seção por ele utilizada só para lembretes de coisas pontuais, como o horário do trem em que pretende chegar, sendo essa, por isso, sempre pequena e objetiva. Essa questão das observações presentes nas cartas de MRC, aliás, é algo que se pode tomar como diferencial em relação ao JOS, como pode ser observado na figura a seguir retirada da carta da noiva:

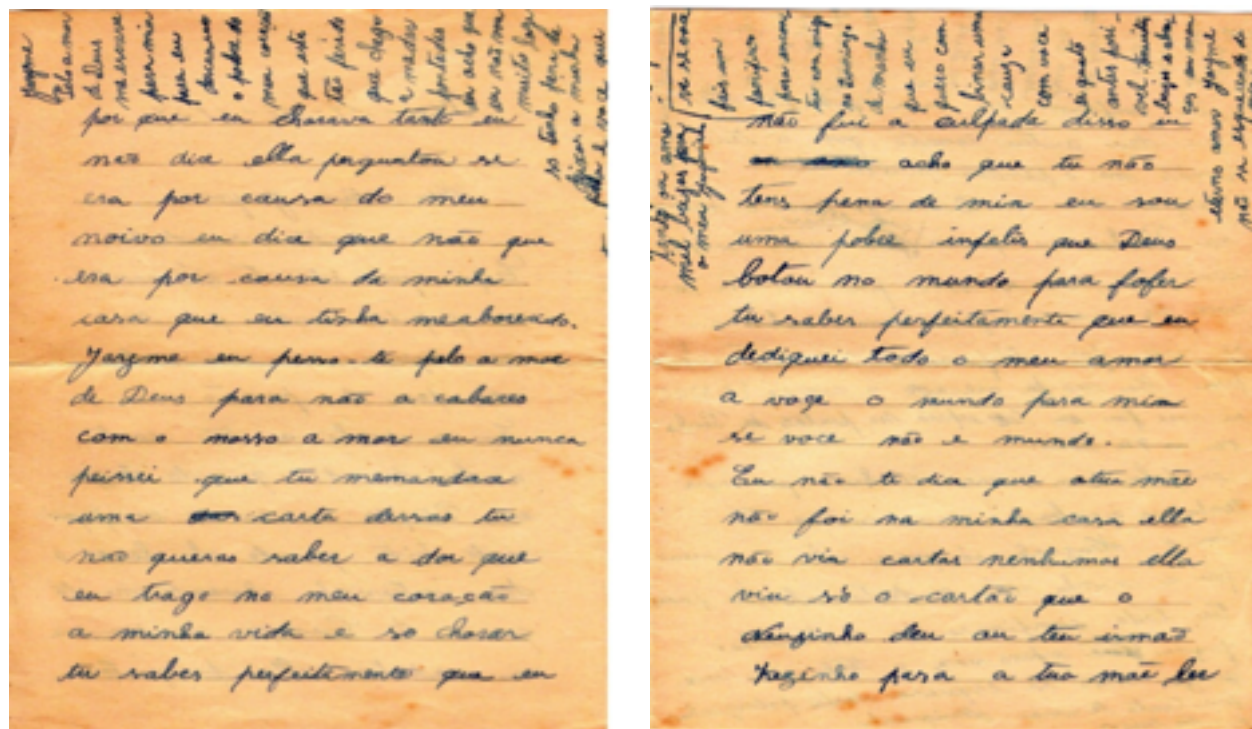


Figura 01. Carta de MRC.

- (13) [...] por que eu chorava tanto eu | não dice ella perguntou se | era por causa do meu | noivo eu dice que não que | era por causa da minha | casa que eu tinha me aborrecido. | Jayme eu pesso-te pelo a mor | de Deus para não a cabares | com o nosso a mor eu nunca | peissei que tu memandace | uma carta dessas tu | não queras saber a dor que | eu trago no meu coração | a minha vida e so chorar | tu sabes perfeitamente que eu | não fui a culpada disso eu | acho que tu não tens pena de min eu sou | uma pobre infelís que Deus | botou no mundo para fofer | tu sabes perfeitamente que eu | dediquei todo o meu amor | a voçe o mundo para mim | se voce não e mundo. | Eu não te dice que atua mãe | não foi na minha casa ella | não viu cartas nenhuma ella | viu só o cartão que o | Neuzinho deu au teu irmão | Zezinho para a tua mãe ler

Um aspecto importante para se destacar acerca dessa carta de MRC, de 1937, diz respeito à estruturação das mesmas, já que as observações que MRC faz se prolongam nas margens superiores e laterais da folha. A seguir, respectivamente, foram transcritas os trechos sobrescritos na primeira e segunda páginas apresentadas na figura 01.

- (14) Jayme | Pelo a mor | de Deus | me escreve | para min | para eu | descansar | o pobre do | meu coração | que esta | tão ferido | que chegu | a medar | pontadas | eu acho que | tanto ou ama | mil beijos para | o meu jaiminho
- (15) ve se voce | fais um | facrificio | para encon- | tra com migo | no Domingo | de manha | que eu | quero com | binar uma | couza | com voce | ei quanto | antes podi- | vel muitos | beijos e abra- | ços au meu | eterno amor jayme | não se esquecendo de | min

Percebe-se que nessa carta Maria não coloca assinatura e nem se despede conforme de costume, o que já aponta para uma quebra quanto à estrutura textual esperada para o gênero carta. Além da ausência de assinatura, percebe-se que os textos postos como observações não seriam classificados inteiramente segundo essa ideia, já que a despedida, embora de maneira rápida, aparece ao final do trecho apresentado em (15). Pode-se observar que Maria não deu fluidez ao texto mesclando as estruturas da missiva.

Essa ausência de organização textual que entra em desacordo até com a estrutura da carta aparece em algumas missivas de MRC e em nenhuma do JOS, embora ele tenha, dentre as 97 cartas, escrito 68. Esse fato já

demonstra que o noivo tinha mais conhecimento acerca da organização textual do gênero carta do que MRC. Além disso, esse é um aspecto significativo que corrobora com a visão de que ele detinha um maior grau de letramento que a noiva e, tendo, por isso, mais domínio da norma escrita.

Conclusão

Embora não tenha sido possível descobrir muitos dados acerca de JOS e MRC, através da leitura das cartas, pode-se depreender algumas informações relevantes sobre o casal de noivos. Sabe-se de alguns aspectos no que diz respeito à família de ambos e a maneira como o casal se relacionava. Vale destacar, no entanto, que talvez os aspectos mais relevantes sobre o casal tenham a ver com a diferença no grau de letramento dos dois. Enquanto MRC apresenta um domínio mediano da escrita, JOS, por outro lado, demonstra maior habilidade com essa modalidade, sugerindo que o noivo tem possivelmente um grau de letramento maior que o da noiva.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Tratamento dos Corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005. p. 24-43.

_____. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Érica Nascimento; LOPES, Célia Regina dos Santos. O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Confluência*, p. 78-104, 2012.